

CISMAS, REFORMAS E DIVISÕES NA IGREJA – LXXXVII

O Relativismo - 4

O Relativismo é mesmo uma das maiores ameaças nos tempos de hoje. Ameaça global, a quase todas as dimensões humanas, não apenas do ponto de vista religioso ou moral, diga-se. Quase se misturando com a globalização e outros fenômenos modernos, já é difícil conceber o mundo sem relativismo, tendência que substituiu ou se impôs ao racionalismo e ao cientismo em muitos aspectos. A Igreja Católica, na sua vertente de entidade que assume um papel e responsabilidades fundamentais na cultura na ciência, no pensamento, na sociedade, por exemplo, é um dos baluartes, talvez o maior, na luta contra o relativismo, ou pelo menos, pela sua mitigação ou diluição. Mas sem imposição do absoluto “puro e duro”, mas sem relativismos, claro. Estamos pois perante um dos maiores debates da civilização, da sociedade humana e dos tempos modernos.

Bento XVI alertou para os riscos do relativismo e da secularização na formação das novas gerações, num discurso dirigido ao mundo universitário católicos dos EUA, há alguns anos atrás. Não foi mais um discurso. Foi um lembrar de algo importante no lugar certo e no tempo certo, além do modo. Foi o assumir da tarefa da Igreja em ser arauto da renovação intelectual e civilizacional, o assumi, pois, da responsabilidade de englobar um bilião de crentes, que não são apenas estatísticas, mas uma realidade que a colocam como entidade que tem que ter uma pauta de valores e princípios reitores, de exemplo e de zénite espiritual e de conduta do mundo, sem absolutismos serôdios ou de tentações caudilhistas. O Papa recordou a importância da educação num tempo de relativismo e de crescente falta de valores, sobretudo, daqueles para quem a novidade é a única coisa que realiza ou dá sentido à liberdade. “Observamos hoje certa timidez diante da categoria do bem e uma imprudente caça de novidades em evidência como realização da liberdade. Somos testemunhas da convicção de que toda esperança tenha o mesmo valor e da relutância em admitir imperfeições e erros. É particularmente inquietante é a redução da preciosa e delicada área da educação sexual à gestão do ‘risco’, privada de qualquer referência à beleza do amor conjugal”, assinalou o papa alemão em Washington, na Universidade Católica. O papa Ratzinger frisou ainda, preclaramente, que “Os conflitos pessoais, a confusão moral e a fragmentação do conhecimento” lançam novos desafios e problemas para a formação académica e para a educação, “fundados na unidade da verdade e no serviço à pessoa e à comunidade”.

Relativismo, secularização, divisão...

E os alertas em relação ao relativismo e suas consequências e interligações são evidentes no trajecto apostólico de Bento XVI e da Igreja desde há algumas décadas. Não apenas em relação à Igreja, à doutrina cristã, mas à sociedade em geral, pois é gerador de porosidade, erosão mesmo e deterioração de valores e normas aceites e estabelecidas, sem ditaduras ou primados. A situação é, à luz desses alertas, ainda mais delicada, segundo Bento XVI, “nas sociedades em que a ideologia do secularismo coloca uma divisória entre verdade e fé”. “Esta divisória levou à tendência de igualar verdade e conhecimento e de adoptar uma mentalidade positivística que, rejeitando a

metafísica, nega os fundamentos da fé e rejeita a necessidade de uma visão moral. Verdade significa mais do que conhecimento: conhecer a verdade leva-nos a descobrir o bem. A verdade fala ao indivíduo na sua inteireza, convidando-nos a responder com todo o nosso ser”, sublinhou. Para Bento XVI, “a autêntica liberdade não pode jamais ser alcançada no afastamento de Deus. Uma escolha semelhante significaria, em última análise, subestimar a genuína verdade de que precisamos para nos entendermos a nós mesmos”. “A revelação de Deus oferece a todas as gerações a possibilidade de descobrir a verdade última sobre a própria vida e sobre o fim da história. Este dever não é nada fácil: envolve toda a comunidade cristã e motiva toda geração de educadores cristãos a garantir que o poder da verdade de Deus forje toda dimensão das instituições”, reforçou. O comprometimento não é apenas individual, mas eclesialmente colectivo, não se cingindo apenas à Igreja, mas devendo ser universal, quase num esforço de devolver o humanismo à humanidade. Uma vez mais, Bento XVI mostrou o compromisso da Igreja não apenas com a sua comunidade de crentes, mas com todos, com o Outro, com os ateus e agnósticos, com todos os que possam querer “salvar” a humanidade pela via do bem e da harmonia.

Surge aqui, na relação com a educação e com a academia, um dos alertas do papa contra o relativismo. Ou melhor, pela procura, de uma forma melhor, da fé. O Papa pronunciou-se, enfaticamente, sobre a necessidade de deixar vincada a identidade ou marca católicas nas Universidades que se apresentam como tal, que muitas vezes apenas ostentam a denominação mas não professam ou sequer vivem – não precisando de o fazer confessionalmente – o ideal que levam no estandarte: “Aceitamos a verdade que Cristo revela? Nas nossas universidades e escolas, a fé é tangível? Atribuímos à fé fervorosas expressões na liturgia, nos sacramentos, mediante a oração, os gestos de caridade, a solicitude pela justiça e o respeito pela criação de Deus?”, questionou. Esta viagem de Bento XVI constituiu um marco na luta da Igreja contra o relativismo, não no sentido de o extirpar como uma heresia maléfica ou demoníaca, mas mitigar ou reduzir a algo que não a afecte a marcha de vida do mundo e a sua saúde espiritual e a procurado verdadeiro conhecimento.

Em suma, a Igreja tem procurado refrear o relativismo. Ou pelo menos torna-lo algo que não afecte o mundo de hoje, o qual foi “metastizado” e enfermo por este suplício da incerteza e da falta de princípios reitores, de valores absolutos. Que não significam imutabilidade, inalterabilidade ou anacronismo, sequer, mas sim luminárias e marcas identitárias, esteios na decisão e guias na acção.

A ideia da não existência de princípios que regem o comportamento dos homens tem-se vindo a difundir rapidamente. E o domínio que exerce essa vacuidade no pensamento tem trazido graves consequências no que toca à moral, ao comportamento e à tomada de decisões. O desejo profundo de uma “liberdade” confunde-se cada vez mais com uma extensa licenciosidade pela qual o homem se permite quase ser o “deus de si mesmo”. A comodidade e o facilitismo da doutrina relativista tornaram tudo possível e divinizaram tudo, criando uma sensação de bem-estar e conforto que não passam de fenómenos imediatos e sem fundamento, ou não dão respostas a problemas ou questões profundas. Nem substituem a razão. Mas é verdade, o relativismo é a “doença global”, na sua disseminação em todas as áreas da vida humana.